

Ricardo Vieira
José Carlos Marques
Pedro Silva
Ana Maria Vieira
Cristóvão Margarido
Rui Matos
(Orgs.)

ÓCIO, JOGO E BRINCADEIRA:
Mediação Intercultural
e Intervenção Social

Título: Ócio, Jogo e Brincadeira: Mediação Intercultural e Intervenção Social
Organizadores: Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Maria Vieira, Cristóvão Margarido e Rui Matos
© 2021, Autores e Edições Afrontamento
Capa: Edições Afrontamento / Departamento gráfico
Edição: Edições Afrontamento, Lda
Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto
www.edicoesafrontamento.pt/comercial@edicoesafrontamento.pt
ISBN: 978-972-36-
Colecção: Textos /
Depósito legal:
N.º edição:
Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt
Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
Comercial@companhiadasartes.pt

novembro de 2021

Este livro foi objeto de avaliação científica.

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.



Centro Interdisciplinar
de Ciências Sociais
CICS.NOVA.IPLeiria



ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS



Índice

Prefácio	7
<i>Pedro Morouço</i>	
Ócio, jogo e brincadeira: uma introdução	9
<i>Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Maria Vieira, Cristóvão Margarido e Rui Matos</i>	
Capítulo 1 – Educar para o ocio: un desafío comunitario	17
<i>María Belén Caballo Villar</i>	
Capítulo 2 – Brinquedos tradicionais populares – na pegada de um patrimônio universal e inspirador	27
<i>João Amado</i>	
Capítulo 3 – <i>Gaming</i>, simulação e mediação intercultural	45
<i>Diana de Vallescar</i>	
Capítulo 4 – O mediador como provocador motor: malabarismo com constrangimentos e <i>affordances</i>	55
<i>Rui Matos</i>	
Capítulo 5 – Cantando e rindo: educação social, mediação intercultural, animação e desenvolvimento comunitário	75
<i>Ana Maria Vieira e Ricardo Vieira</i>	
Capítulo 6 – Da organização de uma exposição etnológica: o ocio e o lúdico na animação e desenvolvimento comunitário	85
<i>Ricardo Vieira e Ana Maria Vieira</i>	

Capítulo 7 – Jogos musicais e mediação intergeracional	93
<i>Ana Ferreira, Cristóvão Margarido e Rui Santos</i>	
Capítulo 8 – Un acercamiento a la juventud con discapacidad desde el aprendizaje en el ámbito del ocio	107
<i>Aurora Madariaga e Joseba Doistua</i>	
Capítulo 9 – <i>Homo ludens</i>, tempo livre e animação sociocultural. O lúdico como práxis comunitária.....	119
<i>Albino Viveiros</i>	
Capítulo 10 – Animação sociocultural e brincoterapia como promotoras de aprendizagem e de competências socioafetivas	133
<i>Bruno Trindade e Ricardo Pocinho</i>	
Capítulo 11 – Ócio, jogo e brincadeira nos processos educativos dos povos originários brasileiros em sua relação com a perspectiva do Bem Viver ..	141
<i>Marcos José de Aquino Pereira</i>	
Sobre os autores.....	155
Sobre os organizadores.....	159

CAPÍTULO 6

DA ORGANIZAÇÃO DE UMA EXPOSIÇÃO ETNOLÓGICA: O ÓCIO E O LÚDICO NA ANIMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

Ricardo Vieira
Ana Maria Vieira

O ESTUDO E A METODOLOGIA

A reflexão que apresentamos é biográfica e autobiográfica e resulta de uma etnografia sobre um trabalho etnográfico realizado no ano de 1985. Os autores fizeram parte do projeto de animação e desenvolvimento comunitário que o suporta. Refletem e avaliam, hoje, passados 33 anos, o alcance de um projeto inserido numa associação de que faziam parte, no reforço da identidade cultural, na tomada de consciência do património cultural de uma freguesia e no desenvolvimento comunitário.

No verão de 1985, a Associação Recreativa, Cultural e Desportiva de Albergaria dos Doze (ARCUDA) realizou a primeira exposição histórica e etnológica de Albergaria dos Doze. Os autores deste texto eram sócios da associação e foram membros ativos da equipa dinamizadora do projeto de recolha e exposição. A exposição foi realizada na antiga igreja, reconstruída para Centro Cultural Padre Petronilho, em 1995, após dois anos de restauro, e dela há diapositivos e muitas fotografias que preservam tal memória.

ASSOCIATIVISMO E ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL

Em tempo de incertezas e de individualismo, de solidão, de desigualdade e de exclusão, o associativismo apresenta-se como potenciador do desenvolvimento humano.

Efetivamente, as associações geram entre os seus associados e com as comunidades nas quais se encontram inseridas um alargado movimento de ação que contribui para uma melhor qualidade de vida dos cidadãos.

Tal como refere Mendes (2005, p. 8), “Os movimentos associativos são espaços de convívio, sociabilidade e educação não formal sem igual” nos quais o ser humano tem a possibilidade de trabalhar em equipa, de trabalhar em parceria, participando ao nível da decisão e da implementação de ideias; projetos e atividades. (Cunha & Pereira, 2015, p. 191)

Muitas comunidades devem a associações culturais, a bandas filarmónicas, a grupos de teatro, a tunas musicais, etc., a transmissão de diversas artes do espetáculo, ensino/aprendizagem de música e de instrumentos musicais, história local, e mesmo de alfabetização dos que não puderam aceder à escola para aprender a ler e a escrever. Para além deste ensino/aprendizagem cognitivo que as associações promoveram em Portugal, essencialmente após o 25 de abril, embora inicialmente “muitas práticas de uma animação imposta de cima para baixo não funcionaram” (Lopes, 2007, p. 129), o associativismo foi e é semente de construção identitária e de transmissão de outros saberes e valores:

Nas associações, através da participação de todos quantos delas fazem parte, ou que de alguma forma com elas se relacionam (comunidade), há uma constante procura da promoção de valores imprescindíveis à felicidade humana. Inter-ajuda; cooperação; solidariedade; partilha; generosidade; humanismo... são valores presentes no associativismo que o orientam, tornando as associações espaços de ensino/aprendizagem, escolas de verdadeira cidadania, promotoras da cultura, do desporto, da recriação e do desenvolvimento social e humano.

A propósito das associações, Malheiro (1996) considera-as espaços onde por um lado se exercem e por outro se reclamam direitos, sendo esta dualidade que permite uma vida genuinamente humana e feliz. (Cunha & Pereira, 2015, p. 191)

Com isto não queremos dizer que o associativismo não atravesse crises na sua reprodução cultural, continuidade e sustentabilidade. O 25 de abril foi uma porta que abriu a entrada à liberdade, à liberdade de expressão e de associação e que, em consequência, possibilitou o nascimento e o desenvolvimento exponencial de associações recreativas, culturais e desportivas – as ARCD – que fomentou a coesão social, a identidade cultural e a participação comunitária em territórios essencialmente mais desprovidos da cultura veiculada pelo Estado-Nação. No século XXI assiste-se a uma estagnação deste associativismo, que muitas vezes está vivo nos estatutos legais, mas em modo de sobrevivência nas práticas sociais. Em algumas localidades as associações reinventam-se aliando práticas tradicionais às novas tecnologias da comunicação, mas parece evidente a crise instalada em centenas e centenas de associações nascidas há cerca de 50 anos ou mais.

O triunfo da cultura do ócio está conduzindo à separação radical entre o esforço dos cinco dias de trabalho e a busca frenética de diversão aos fins-de-semana (...). O ócio de consumo é uma experiência pela metade, uns são os que produzem as experiências e outros os que as desfrutam. Isto explica que os direitos dos cidadãos estão frequentemente a ser substituídos pelos direitos e responsabilidades dos consumidores. Perante esta situação, a sociedade deve implementar novas vias de participação que permitam à pessoa expressar as suas emoções e sentimentos no seu meio comunitário. (Cabeza, 2006, p. 137)

Neste texto damos conta de algumas das atividades desenvolvidas por esse associativismo cujo auge parece ter sido atingido no final dos anos 80 do século XX. E foram muitas as trocas, as criações culturais, foram muitos os tempos e espaços de desenvolvimento das relações humanas e do sentido de comunidade:

O associativismo pelas suas características apresenta-se como um fenómeno social de grande riqueza, no qual as relações humanas assumem um lugar de destaque. As relações humanas são indiscutivelmente a pedra basilar do associativismo. Delas resulta a promoção de valores como a amizade, a solidariedade, a entreatajuda e o companheirismo. Os indivíduos unem-se em torno de objetivos comuns e agem tendo em vista o interesse do coletivo.

O associativismo é, pois, um fenómeno que contribui para que as populações melhor se organizem, rentabilizando espaços e equipamentos, melhorando as condições de vida das comunidades e fazendo chegar a sua voz junto dos poderes instituídos. (Cunha & Pereira, 2015, p. 192)

Como veremos, a animação comunitária feita a partir da recolha, sistematização e exposição de materiais etnográficos teve animação, mas não explicitamente animadores. Não houve uma separação epistemológica entre sujeito e objeto, entre animador e animado. Houve muita implicação de todos e de todas, em todas as etapas do processo, que culminou numa exposição etnológica, estando a animação presente em todas elas. Concordando com José António Caride (2011),

Em suma, partindo do princípio que a participação é o começo e o canal através do qual é possível conciliar a autonomia das pessoas com *links* para tarefas ou projetos em grupo, que reduzam a distância ente quem decide e sobre os que se decide, ou, como dizia Besnard (1988: 23), entre “decisores” e “decididos” (...).

Neste sentido, não pode ser ignorado que uma característica relevante da animação sociocultural deve continuar a ser a aceitação “radical” do princípio da democracia cultural (em contraposição do que invoca a democratização ou

a gestão cultural), entre cujos pressupostos se assume com valentia a necessidade de que sejam as pessoas, a partir da tomada de consciência e da reflexão sobre as suas próprias realidades, quem protagoniza a sua transformação com propósitos de melhoria. (pp. 28-29)

A este propósito, Glória Perez Serrano e Maria Luísa Sarrate (2011) recorrem à etimologia da animação, *anima* e *animus*, respetivamente remetendo para a ideia de dar ânimo, alma e alento (movimento de fora para dentro) e para a ideia inversa (de dentro para fora) em que

o animador considera-se mais um do grupo. Neste sentido, a animação identifica-se com a ideia de “atuar em”, “atuar dentro de” ou “desde o interior”. Estas duas maneiras de entender a animação sociocultural (ASC) são, uma de cada vez, diferentes e complementares, enquanto supõem uma força centrípeta e outra centrífuga, que contribuem para harmonizar as sinergias dinamizadoras da animação. (p. 105)

No processo de construção e organização da exposição etnológica que descreveremos adiante, a animação [sociocultural] e implicação da comunidade esteve, nesta linha, sempre presente, desde a recolha até à catalogação e exposição através da implicação. A dimensão relacional, através da troca de conhecimentos e de construção de caminhos para a prossecução do projeto, bem como o desenvolvimento comunitário visível no empoderamento, implicação e autonomia dos sujeitos, grupos e famílias que assumiram o processo como seu, estiveram sempre presentes, pelo que não são, portanto, apenas uma questão de produto final.

RECOLHA, EXPOSIÇÃO E ANIMAÇÃO: INVESTIGAÇÃO DE SI E ENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE

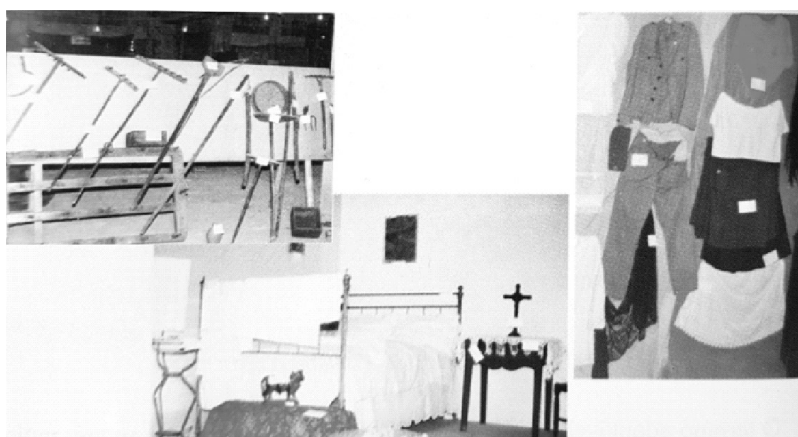
Após o desafio desses jovens, acolhido por uma associação cultural, recreativa e desportiva, o ARCUDA, cuja secção cultural viria a dar origem a uma nova associação, o GECT, avós, pais e netos viram-se juntos a procurar elementos e objetos culturais que pudessem ser expostos, devidamente identificados numa ficha temática, num centro cultural onde não houve a clássica separação de artistas e público, de quem anima e de quem é animado.

Os proponentes do projeto de pesquisa, animação sociocultural e educação social, alguns recém-licenciados e com conhecimentos etnográficos, antropológicos e museológicos, limitaram-se a dar alguma informação inicial sobre os objetos que poderiam ser recolhidos, catalogados e expostos, através de um pro-

cesso mediador e emancipador de quem vai ganhando gosto pela pesquisa etnográfica. O grupo local de escuteiros envolveu-se e ajudou imenso no levantamento e simultaneamente sensibilização e educação social para a valorização do património e história locais. Houve, assim, consciencialização de si, de cada família e da comunidade em geral sobre o seu passado, presente e antecipação futura.

O público que visitou, durante os três meses (julho, agosto e setembro de 1985), a exposição etnológica temporária foi, simultaneamente, a equipa de investigação que, em colaboração com os mediadores, pôs toda uma comunidade, com mais de 2000 habitantes, a fazer, em tempo livre e em tempo de ócio, e não só, a pesquisa que lhes deu prazer, realização e um contributo para o auto-conhecimento familiar e comunitário.

Fig. 1



A exposição criou espaços autónomos para artefactos agrícolas, alfaias, traje tradicional, instrumentos musicais, a taberna/mercearia com as medidas e balanças para pesar, e onde se vendia milho, farinha, café, vinho, refrigerantes, etc., o quarto e a cozinha tradicionais, entre outros (cf. Figura 1).

No domínio das alfaias agrícolas podiam observar-se os ancinhos diversos, tudo com ficha indicando o proprietário que cedeu para exposição, bem como a descrição das funções, a grade (alfaia tradicional para gradar a terra, alisar a terra, puxada por boi/vaca/mula...), o rodo de madeira para juntar milho e outros cereais, a pá do forno, etc.

No quarto tradicional podia observar-se a cama de ferro, feita tradicionalmente, a arca com roupa e atoalhados, bacia para lavar mãos e rosto, entre outros.

No âmbito do traje encontrávamos o traje tradicional masculino e feminino, a roupa de trabalho e a “roupa de domingo”, etc.

Também a referência à água, um produto fundamental ao desenvolvimento de Albergaria dos Doze, ligado à paragem dos comboios da linha do Norte, na 21.^a estação, a partir de Santa Apolónia, estava bem presente na exposição etnológica. Recuperaram-se memórias da exploração da água em minas locais, para ser vendida para diferentes sítios do país, o que aconteceu a partir de 1863, como mostra o logotipo seguinte (Figura 2) e a sua máxima inscrita: “Albergaria dos Doze, Rainha das Águas de Meza”. A preferência do público e a sua venda contínua, há quase um século, atestam a superioridade desta magnífica água de mesa.

Fig. 2



Também a água da fonte dos Poços foi vendida em bilhas de barro aos passageiros dos comboios que ali paravam (cf. Figura 3). Quando os comboios eram puxados por máquina a vapor, não havia nenhum que não parasse na estação local para se reabastecer. Aqui esteve instalado um depósito de água de 200 mil litros, contíguo à Linha do Norte, 21.^a estação, que acumulava as águas vindas do túnel, o mais longo da linha do Norte, inaugurado em 1863, destruído no primeiro semestre de 1997, durante a requalificação desta via ferroviária, e que serviu, durante bastos anos, para o abastecimento das máquinas a vapor que aqui paravam.

Fig. 3



Tal como se saciava “a sede ao comboio”, fazia-se o mesmo aos passageiros que compravam, pela quantia de dois escudos e cinquenta centavos, uma bilha com cerca de um litro. Com a eletrificação da via férrea, desapareceu a necessidade desta paragem obrigatória, já que a frequência de entrada e saída de passageiros não a justificava por si só. O comércio das bilhas com água e o tão característico pregão da população local (“bilhas com água!”) estava condenado. Toda esta história e todas estas memórias foram invocadas, lembradas e transmitidas, de forma heterogénea e complementar, conforme o “*background*” cultural dos visitantes e intérpretes que observavam a exposição etnológica que aqui apresentamos.

Mais do que descrever exaustivamente a exposição, seja com palavras, seja com desenhos ou fotografias, o que interessa reter é essa ideia de como um projeto foi assimilado como coletivo e implicou diversas gerações na pesquisa, na sistematização e exposição de um património cultural alargado e exposto, que consciencializou todos para a sua importância, que animou e criou espaços e tempos de ócio, e que permitiu a transmissão cultural entre gerações, a animação de toda uma freguesia e o seu desenvolvimento comunitário.

ÓCIO, LÚDICO E INVESTIGAÇÃO ETNOGRÁFICA: ALGUMAS IDEIAS CONCLUSIVAS SOBRE MEDIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

A iniciativa cultural descrita preencheu o tempo livre de todos e foi um tempo de ócio sem negócio; quer dizer, de sentido(s) existencial(ais) para toda uma comunidade e sem qualquer contrapartida lucrativa. De envolvimento pessoal e de desenvolvimento comunitário. O projeto fomentou a coesão social, a qualidade de vida dos sujeitos, e transformou e revivificou o cotidiano de uma aldeia que se desenvolveu na medida em que se pesquisou a si própria, pensou, transformou, animou, emancipou, educou e comunicou das mais diversas formas e linguagens: sugestões interpares, intergeracionais e interculturais, trabalho de grupo que atualizou tempos e contextos de décadas anteriores, fotografia, filmes, reportagens de jornais e da própria televisão que fez cobertura.

As pessoas gostaram tanto desta iniciativa que idêntica exposição se repetiu em julho de 1987, organizada agora pelo GECT, a propósito das comemorações do 1.º aniversário do Jornal *Os Doze*, desta vez nas instalações, em construção, para a Casa do Povo de Albergaria dos Doze (Vieira, 1999).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABEZA, M. C. (2006). Ócio e animação: Novos tempos. In A. M. Peres & M. S. Lopes (Coords.), *Animação, cidadania e participação* (pp. 126-139). Chaves: APAP.
- CARIDE, J. A. (2011). As identidades da animação sociocultural nas fronteiras da sociedade globalizada. In J. D. L. Pereira & M. S. Lopes (Coords.), *As fronteiras da animação sociocultural* (pp. 28-29). Chaves: Intervenção.
- CUNHA, F. M. B., & Pereira, J. D. L. (2015). O associativismo como espaço de práticas e educação intergeracional. In J. D. L. Pereira, M. S. Lopes, & T. M. M. Rodrigues, *Animação sociocultural, gerontologia e educação intergeracional: Estratégias e métodos de intervenção para um envelhecimento ativo* (pp. 191– 200). Chaves: Intervenção.
- LOPES, M. (2007). A animação sociocultural e a gestão cultural: O exemplo português. In A. Peres & M. Lopes, *Animação sociocultural, novos desafios* (pp. 129-149). Chaves: APAP.
- SERRANO, G. P., & Sarrate, M. L. (2011). Epistemologia da animação sociocultural. In J. D. L. Pereira & M. S. Lopes (Coords.), *As fronteiras da animação sociocultural* (pp. 105-119). Chaves: Intervenção.
- VIEIRA, R. (1999). *Albergaria dos Doze, as partes e o todo: Um estudo sobre a identidade cultural*. Albergaria dos Doze: Quilate, Artes Gráficas.